



DOI 10.20396/conex.v17i0.8653006

Relato de Experiência

## Ginástica e pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações na Escola Maria Luiza Costa e Rêgo

Renan Santos Furtado<sup>1</sup>   
Leandro Henrique Cruz da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Trata-se de um relato de experiência que envolveu bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Federal do Pará (UFPA), do subprojeto do curso de Educação Física. Teve como lócus de intervenção principal a Escola E. E. F. M. Professora Maria Luiza Costa e Rêgo, localizada no bairro do Bengui na cidade de Belém. Enquanto objetivo geral desse relato, buscamos: analisar as possibilidades metodológicas para o ensino da ginástica na escola a partir da abordagem crítico-superado e da pedagogia histórico-crítica. **Metodologia:** Do ponto de vista metodológico, o trabalho se baseia na metodologia da pesquisa ação, fazendo uso também de consulta em bibliografia especializada. **Resultados e discussões:** apontamos que o ensino dos fundamentos básicos da ginástica na escola pode se apresentar como um instrumento fundamental para a elevação cultural dos alunos quando articulado com uma sólida teoria pedagógica e com processos metodológicos inovadores. **Conclusão:** É evidente que o campo profissional da Educação Física brasileira, em especial a área escolar, cada vez mais tem avançado nas suas sistematizações e na socialização de conteúdos e de metodologias inovadoras. Desse modo, consideramos que o estudo em questão adentra nessa perspectiva, podendo inspirar práticas transformadoras.

**Palavras-chave:** PIBID. Pedagogia histórico-crítica. Ginástica. Educação Física escolar.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, Escola de Aplicação, Coordenação Pedagógica de ensino médio, Belém – PA, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará, Escola de Aplicação, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém – PA, Brasil.

#### Correspondência:

Renan Santos Furtado. Avenida Roberto Camelier, Passagem Marujo, 38, Condor, CEP 66033500, Belém, PA, Email: [renan.furtado@yahoo.com.br](mailto:renan.furtado@yahoo.com.br)

Recebido em: 23 jul. 2018

Aprovado em: 16 nov. 2018

## ***Gymnastics and historical-critical pedagogy: first approaches in the school Maria Luiza Costa e Rêgo***

### **ABSTRACT**

**Objective:** This is an experience report that involved scholars from the Institutional Program of the Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) of the Federal University of Pará (UFPA), subproject of the Physical Education course. The main focus of the intervention was the EEFM School Professor Maria Luiza Costa e Rêgo, located in the neighborhood of Bengui in the city of Belém. As a general objective of this report, we sought to analyze the methodological possibilities for teaching gymnastics in school from the critical approach and historical-critical pedagogy. **Methodology:** From the methodological point of view, the work is based on the methodology of the action research, also making use of consultation in specialized bibliography. **Results and discussions:** we pointed out that the teaching of the basic fundamentals of gymnastics at school can be presented as a fundamental instrument for the cultural elevation of students when articulated with a solid pedagogical theory and innovative methodological processes. **Conclusion:** It is evident that the professional field of Physical Education in Brazil, especially the school area, has increasingly advanced its systematizations and the socialization of contents and innovative methodologies. In this way, we consider that the study in question penetrates this perspective, and can inspire transformative practices.

**Keywords:** PIBID. Historical-critical pedagogy. Gymnastics. Physical school education.

## ***Gimnástica y pedagogía histórico-crítica: primeras aproximaciones en la escuela María Luiza Costa y Rengo***

### **RESUMEN**

**Objetivo:** Se trata de un relato de experiencia que involucró a becarios del Programa Institucional de Beca de Iniciación a la Docencia (PIBID) de la Universidad Federal de Pará (UFPA), del subproyecto del curso de Educación Física. En el objetivo general de este relato, buscamos: analizar las posibilidades metodológicas para la enseñanza de la gimnasia en la escuela a partir del abordaje crítico -superado y de la pedagogía histórico-crítica. **Metodología:** Desde el punto de vista metodológico, el trabajo se basa en la metodología de la investigación acción, haciendo uso también de consulta en bibliografía especializada. **Resultados y discusiones:** apuntamos que la enseñanza de los fundamentos básicos de la gimnasia en la escuela puede presentarse como un instrumento fundamental para la elevación cultural de los alumnos cuando se articula con una sólida teoría pedagógica y con procesos metodológicos innovadores. **Conclusión:** Es evidente que el campo profesional de la Educación Física brasileña, en especial el área escolar, cada vez más ha avanzado en sus sistematizaciones y en la socialización de contenidos y de metodologías innovadoras. De este modo, consideramos que el estudio en cuestión adentra en esa perspectiva, pudiendo inspirar prácticas transformadoras.

**Palabras Clave:** PIBID. Pedagogía histórico-crítico. Gimnasia. Escuela de Educación Física.

# INTRODUÇÃO

Schiavon e Piccolo (2007) a partir de estudos bibliográficos e de observações em escolas afirmam que em geral a ginástica ainda não é contemplada nos conteúdos curriculares desenvolvidos nas aulas de Educação Física. As autoras apontam que um dos principais motivos que levam os professores a não trabalhar esse conteúdo na escola refere-se justamente a falta de conhecimento sobre o tema. Assim, em geral os professores não conseguem vislumbrar no conteúdo em questão um horizonte para além do modelo técnico-esportivo, logo, acabam não levando em consideração o valor pedagógico que a ginástica tem a oferecer para os alunos.

Sendo assim, esse escrito pode ser caracterizado como um relato de experiência, o qual teve como lócus de intervenção principal o espaço da escola E.E.F.M Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Costa e Rêgo, localizada no bairro do Benguí na periferia da cidade de Belém, envolvendo bolsistas do programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Federal do Pará (UFPA) membros do subprojeto do curso de Educação Física da referida instituição, junto com professores da rede estadual de ensino do Estado do Pará.

Sendo o PIBID uma política pública de formação de professores, o programa sustenta alguns objetivos delineados em seu regulamento institucional, possuindo centralidades como, incentivar a formação docente em nível superior para a educação básica, contribuir para a valorização do magistério e elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura buscando promover a integração entre educação superior e educação básica. Além desses fatores, como exposto no próprio regulamento do programa, é também objetivo dessa política dialogar com o cotidiano da escola e interferir na formação continuada dos professores que atuam na rede pública de ensino.

A partir das orientações gerais do programa cada curso de graduação constrói seus subprojetos e suas problemáticas de intervenção. O PIBID de Educação Física da UFPA apresenta a seguinte questão norteadora para o direcionamento de estudos, intervenções pedagógicas e pesquisas durante a vigência do programa: quais as possibilidades metodológicas para o ensino do Jogo, Ginástica, Dança, Esporte e Luta da Cultura Corporal/Educação Física para os níveis de ensino fundamental e médio?

Exposta a problemática geral que norteia o subprojeto de Educação Física, é válido informar que a experiência realizada com o conteúdo ginástica foi parte do cumprimento dessas diretrizes gerais. Assim, como problema central desse relato, apontamos: quais as possibilidades metodológicas para o ensino da ginástica na escola a partir da abordagem crítico-superadora e da pedagogia histórico-crítica? Como objetivo geral buscamos analisar as possibilidades

metodológicas para o ensino da ginástica na escola a partir da abordagem crítico-superadora e da pedagogia histórico-crítica. Na qualidade de objetivo específico e etapa para respondermos ao problema e ao objetivo geral desse relato pretendemos discutir os fundamentos da pedagogia histórico-crítica que possibilitam a organização do trabalho pedagógico da ginástica tendo em vista a ampla apropriação e reflexão dos estudantes sobre esse conteúdo.

Com relação à estrutura do restante do relato, organizamos sua exposição em três momentos. No primeiro discutimos alguns dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica que respaldaram nossas reflexões e intervenções na escola. Em seguida tratamos de apresentar a concepção de Educação Física e de ginástica que trabalhamos no subprojeto. Por fim, concentramo-nos na descrição das aulas realizadas com esse conteúdo, com foco nos elementos da seleção do conhecimento, organização do trabalho pedagógico e processo de ensino-aprendizagem.

### **FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**

Para esse momento acreditamos ser necessária a apresentação ainda que inicial e não com todos os seus fundamentos constitutivos da teoria pedagógica que balizou a nossa prática docente na escola, teoria essa elaborada principalmente por Saviani (2011), denominada pelo professor de pedagogia histórico-crítica. Nesse sentido, discutiremos aspectos referentes a alguns dos fundamentos teóricos e apontamentos da pedagogia histórico-crítica para a educação escolar.

Sobre os fundamentos teóricos, inicialmente acreditamos que dois elementos devem ser destacados nessa etapa. O primeiro se liga diretamente a própria explicação da educação enquanto produção humana, ou seja, da educação escolar como trabalho e resultado do trabalho humano intencionalmente produzido. O segundo refere-se à dimensão do conhecimento como produção humana e prática social. Esses dois elementos em conjunto com a dialética materialista nos possibilitam compreender o método didático de socialização do conhecimento proposto pela pedagogia histórico-crítica que utilizamos durante nossa intervenção com a ginástica na escola.

A base para pensarmos a categoria trabalho e sua relação com a educação como sugere a pedagogia histórico-crítica encontra-se nas elaborações de Marx. Sobre o trabalho, uma das formulações mais conhecidas e refinada referente essa categoria se localiza no livro de número um de o capital. Nas palavras do próprio Marx (2013, p. 255):

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e natureza, processo este que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural

[Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeças e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Nesse sentido, o homem e a natureza possuem uma relação vital e orgânica tendo em vista a produção da existência do próprio homem. Nessa relação, o homem forma a sua essência por via do processo de relação com natureza, ou seja, é pelo trabalho que o homem torna-se homem, sendo ele também a fonte primária da objetivação do ser humano no mundo, pois, o trabalho é a própria essência do homem. Saviani (2007) reitera que a distinção dos homens em relação aos demais animais se encontra quando o primeiro começa a produzir seus meios de vida, passo esse que é sempre determinado pela condição corporal dos sujeitos, logo, "Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho". (SAVIANI, 2007, p. 154).

A relação exposta acima é elementar para pensarmos como a educação escolar se associa com a categoria trabalho na construção do processo educativo. De acordo com Saviani (2011), sendo a educação um fenômeno próprio dos seres humanos, ela é exigência do e para o processo de trabalho, bem como também é um processo de trabalho. Para o autor, o processo de garantia da existência humana implica na garantia de subsistência material (trabalho material). Porém, para a realização da ação material, o homem precisa antecipar mentalmente em ideias o objetivo da ação, incluindo elementos da ciência, da arte e da ética nesse pensamento. Desse modo, esses aspectos, na medida em que são objeto de preocupação abrem espaço para outra forma de produção, a produção não material, que se trata da produção de valores, ideias, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades. Em síntese, trata-se da produção do saber sobre a natureza ou sobre a cultura, e a educação se insere justamente nessa categoria de trabalho.

Para Saviani (2011) a educação pertence ao campo do trabalho não material, e têm a ver com ideias, atitudes, habilidades e valores. Porém, tais elementos não interessam em si mesmos, e sim, em algo exterior. Esses objetos, considerados como exteriores ao homem constituem o campo de preocupação das ciências da educação em oposição ao campo de ciências da natureza. Logo, o que não é garantido pela natureza deve ser produzido pelo homem, visando a sua apropriação e formação de uma segunda natureza. Afinal, a natureza humana não é dada aos homens, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica.

Desse modo, segundo Saviani (2011) o trabalho educativo pode ser

considerado como o ato de produção em cada ser humano de forma direta e intencional, da humanidade que foi produzida historicamente pelo conjunto dos homens. Para Martins (2004) é preciso pensar a educação e o trabalho educativo como um processo que não pode ser eliminado do desenvolvimento de nenhum ser humano, além de ser uma condição para a formação do ser humano rico na perspectiva marxista.

O elemento da relação entre educação e trabalho e do trabalho educativo como forma emancipatória e parte da formação humano em sentido amplo é um dos fundamentos que acreditamos ser essencial na pedagogia histórico-crítica. O outro como citamos anteriormente, refere-se à consideração do conhecimento, e aqui tratamos especificamente do conhecimento escolar, como uma produção humana desenvolvida na prática social histórica dos homens mediante suas relações de trabalho.

Para Oliveira e Duarte (1986) os saberes que vem sendo acumulados e produzidos pela humanidade tem surgido como modo de respostas objetivas dos homens às demandas concretas que perpassam pela a sua prática social cotidiana. Portanto, acabam que são essas demandas sociais que causam a necessidade da elaboração dos conhecimentos humanos, seja esse saber artístico, científico ou do senso comum. Um ponto interessante de análise é a constante relação entre o conhecimento científico e o modo de produção, o que nos sugere que a produção de ideias não está desassociada da produção da vida.

Segundo Saviani e Duarte (2012) a relação entre o conhecimento científico e o modo de produção capitalista fica ainda mais evidente quando percebemos que os próprios meios de produção na sociedade capitalista possuem conhecimento científico em sua forma objetivada. Isto é, as forças produtivas presentes e acumuladas para a produção de bens materiais provenientes do trabalho humano abstrato também se utilizam da produção mais elaborada da ciência e da tecnologia que os seres humanos são capazes de elaborar. Logo, é evidente que quando tratado no campo escolar, e em uma perspectiva transformadora, esses conhecimentos precisam superar seus aspectos instrumentais e alienantes do gênero humano.

A partir dessas prerrogativas, podemos dizer que esses conhecimentos ganham a dimensão de conteúdos escolares na educação formal apenas quando são tratados de forma contextualizada em cada área de ensino. Ou seja, quando esses conteúdos são reconhecidos também como produção histórica resultante da relação entre os homens e a natureza em cada modo de produção. Logo, por estarem diretamente imbricados com o modo de produção, os conhecimentos e conteúdos que a educação escolar trata estão repletos de dimensões conceituais, históricas, científicas, econômicas, ideológicas e políticas que devem ser apreendidas durante o processo de ensino-aprendizagem (GASPARIN, 2012).

Desse modo, a prática pedagógica histórico-crítica que incorpora a teoria dialética do conhecimento deve possibilitar aos educandos por via das abstrações, a plena compreensão da essência dos conteúdos estudados, afim de que os educandos possam fazer relações desse conhecimento com a realidade social em que estão inseridos. Nesse processo, os educandos devem ultrapassar de forma ordenada as modalidades empíricas de análise da realidade, tendo em vista os modos mais elaborados de compreensão da totalidade da vida social (GASPARIN, 2012).

Com essas reflexões, finalizamos esse tópico de apresentação inicial de alguns dos fundamentos teóricos da pedagogia histórico-crítica e da educação marxista. Dessa maneira, seguiremos para a discussão sobre a ginástica como conteúdo da Educação Física escolar. Nossa intenção com o próximo eixo de debate perpassa pela análise histórica desse conteúdo, e quais os parâmetros teóricos que nos possibilitam tratar a ginástica como um campo de conhecimento necessário durante o processo de escolarização dos sujeitos.

## **ELEMENTOS CONCEITUAIS DA GINÁSTICA**

O trabalho com a ginástica na escola nos exige a compreensão dos seus fundamentos históricos e conceituais de acordo com a perspectiva teórica que utilizamos na intervenção durante o PIBID, assim como, a própria clareza sobre a função da Educação Física escolar. Nesse sentido, partimos junto com o Coletivo de Autores (2012) da ideia de que a Educação Física é uma disciplina curricular obrigatória, que na escola trata dos temas da cultura corporal humana, ou seja, do jogo, da dança, da capoeira, do esporte e da ginástica. Em relação a essa última, podemos conceituá-la como uma forma peculiar de exercitar o corpo, na qual, usando ou não algum aparelho, existe a possibilidade de vivências corporais enriquecedoras e formativas para os sujeitos.

Por essa perspectiva, podemos inferir que a validade desse conteúdo e a sua justificativa para ser desenvolvido nas escolas quando pensado dentro do escopo da pedagogia histórico-crítica e da Educação Física crítico-superadora, é justamente a de possibilitar o acesso ao conhecimento historicamente desenvolvido pelo conjunto dos homens sobre as práticas e exercitações que historicamente reconhecemos como ginástica. Desse ponto de vista, a presença da ginástica na escola se legitima quando ela proporciona ao aluno a interpretação subjetiva das atividades que realiza por via de um espaço de liberdade para a própria prática (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Partido das premissas conceituais expostas acima como fundamentos teóricos para o ensino da ginástica na escola, a partir de então apresentamos alguns dos seus principais elementos históricos, pois, consideramos que os fatos que iremos relatar são determinantes tanto para a compreensão de como a ginástica se manifesta atualmente, como para pensarmos a sua função na

escola. Ao refletirmos e estudarmos sobre a origem da ginástica certamente nos remetemos aos tempos antigos quando os gregos denominavam o exercitar o corpo como "Gymnos" que significa nu, pois se deve ao fato de que os exercícios eram executados sem peças de roupa (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Em relação ao conteúdo tratado, devemos conceber a ginástica também como uma forma de iniciação para as demais práticas corporais, por trabalhar os aspectos mais simples da cultura corporal, como por exemplo, o saltar, equilibrar, rolar/girar, trepar e "balançar/embalar, que formam os fundamentos básicos da ginástica (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Para Costa et al. (2016) várias são as virtudes do conteúdo ginástica para a Educação Física escolar, pois, através dela e de seus componentes básicos como a ginástica natural composta de movimentos já vivenciados pelo ser humano em sua dinâmica cotidiana, os alunos podem ter acesso a um elemento formativo de grande valor.

Escobar e Taffarel (1987) classificam os movimentos básicos da ginástica em três grandes grupos. O primeiro refere-se aos movimentos realizados sem o uso de aparelhos, como é o caso do caminhar, saltitar, correr, rolar e outros. No segundo grupo estão os movimentos que se utilizam do deslocamento direto ou indireto de aparelhos, como, por exemplo, o puxar, rasgar, chutar, sacar, empurrar e etc. Por fim, temos os movimentos com aparelhos fixos, como, por exemplo, o girar/torcer, virar, balançar, escorregar e pendurar/prender. Na experiência em questão tratamos do ensino de movimentos básicos sem a utilização de aparelhos. Nesse caso, o saltar e o equilibrar.

Desse modo, a partir da fundamentação teórica acima levantada buscamos organizar e socializar esse conteúdo na educação básica e apresentar ao leitor a forma como demos sentido para essa prática corporal no tempo e espaço específico que atuamos. Com isso, sinalizamos para a dimensão não prescritiva desse relato, sendo apenas uma entre várias possibilidades e formas que podemos encontrar para o ensino da ginástica.

## MÉTODOS

A respeito dos procedimentos especificamente metodológicos desse estudo, primeiramente gostaríamos de salientar que em relação à modalidade de pesquisa estamos no campo qualitativo da ciência e da produção do conhecimento. Dentro da abordagem qualitativa, usamos como metodologia de investigação a pesquisa ação, que Segundo Severino (2002) é aquela que para além da compreensão da realidade estudada, visa intervir de forma estruturada no contexto em questão, tendo em vista a modificação e a transformação do cenário inicialmente encontrado. Desse modo, para além de ser diagnóstica, é também propositiva e busca aprimorar por via de processos avaliativos as práticas realizadas.

Ainda de acordo com Severino (2002), em relação à natureza das fontes analisadas, nosso estudo pode ser caracterizado como um estudo de campo. Afinal, a coleta de dados foi realizada na própria escola, e deu-se por via de registros das aulas, sistematização de planos de aula, construção coletiva do planejamento bimestral, fotos e vídeos, arsenal esse que com auxílio da teoria pedagógica que sustentou o projeto nos possibilitou refletir e socializar a referida experiência pedagógica com o ensino da ginástica na escola.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o objetivo do artigo de realizar um relato de experiência de uma proposta metodológica que vai de contra a negação de conhecimento dentro da escola, apresentaremos nossa sistematização do conhecimento a respeito dos fundamentos básicos da ginástica e de como realizamos o seu ensino na escola. Primeiramente lembramos que efetivamos as aulas junto a um dos professores de Educação Física da Escola E. E. F. M Professora Maria Luiza costa e Rego, localizada no bairro do Benguí na cidade de Belém, durante o primeiro bimestre dos alunos, sendo esse o primeiro conteúdo do ano letivo.

As aulas foram ministradas junto a uma turma do 6ª ano do ensino fundamental. Portanto, os alunos se comportam dentro do ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento, cabendo a ginástica nessa etapa apresentar formas técnicas das diversas ginásticas e projetos individuais e coletivos de sua exibição (COLETIVO DE AUTORES, 2012). As aulas eram realizadas uma vez na semana, com duração de cerca de uma hora e trinta minutos, totalizando a extensão da experiência em quatro aulas.

Como poderemos ver melhor no quadro apresentado mais a frente, os fundamentos básicos que escolhemos para trabalharmos com os alunos foram os tipos de saltos e o equilíbrio. Pois, entendemos que esses fundamentos além de serem básicos do conteúdo ginástica, são também elementos que estão presentes no cotidiano desses estudantes e que precisam ser apresentados em um modelo sistematizado através do que se elaborou historicamente no desenvolvimento da sociedade para que se faça sentido e significado na prática social dos estudantes.

Assim, procuramos fazê-los aprender e experimentar quatro tipos de salto, carpado, grupado, esticado, aberto/afastado através de momentos pensados para que o entendimento deles fosse apreendido como séries de repetições e jogos envolvendo os saltos. Em seguida, trabalhamos os tipos de equilíbrio, estático e dinâmico, explicando conceitualmente o significado das palavras e como as formas de se equilibrar funcionam cotidianamente. Posteriormente,

utilizamos alguns jogos para apreensão e mostramos como o equilíbrio pode aparecer em várias situações, tanto esportivas, como cotidianas.

Pensando didaticamente a exposição o mais próximo possível em relação ao que tínhamos de objetivos com as aulas e como elas se efetivaram. No Quadro 1 apresentamos de maneira geral os momentos pedagógicos das aulas e os seus principais elementos.

Quadro 1 - As aulas e os principais elementos

<b>Conteúdo ginástica (Fundamentos básicos)</b>	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4
<b>Objetivos</b>	Apresentação dos tipos de salto, conceituação, e discussão sobre a sua importância na ginástica e para outras práticas corporais.	Exposição dos tipos de equilíbrio, debate a respeito da importância dele para a ginástica e para a vida cotidiana, além de tratar sobre a sua conceituação.	Revisão dos fundamentos tratados na aula anterior. Realização de uma seriação ou sequência de movimentos com os fundamentos ensinados.	Tratar novamente dos tipos de salto, devido certa dificuldade apresentada por parte dos alunos, tanto no que diz respeito à compreensão conceitual, como da prática do movimento em si.
<b>O Processo metodológico</b>	O que já sabem sobre? Qual a importância para a ginástica? Demonstração dos quatro tipos. Realização por parte dos alunos, jogos que envolvam o mesmo e por fim, a conceituação dos saltos.	O que já sabem sobre? Qual sua importância e como podemos praticar o mesmo? Jogos que tratam do equilíbrio estático e dinâmico. Prática do slackline a fim de tratar do equilíbrio dinâmico.	Separação dos alunos em pequenos grupos para com auxílio dos professores elaborarem suas respectivas sequências de movimentos. Antes do início da elaboração, relembramos os movimentos ensinados.	Debate sobre os quatro tipos de salto (esticado, grupado, carpado e aberto) e a importância deles para a ginástica e como se manifestam na prática social. Aperfeiçoamento técnico dos movimentos.
<b>Catarse</b>	Perguntas referentes aos tipos de salto. Qual a diferença entre eles? Qual a importância deles para a ginástica, e como se realiza?	Utilizando-nos de simples perguntas, conversamos com os alunos sobre os tipos de equilíbrio ensinados e suas respectivas formas de execução.	Apresentação da nova síntese dos alunos referente aos fundamentos básicos da ginástica (Equilíbrio e salto) em forma de série, ou apresentação de movimentos.	Novamente em grupos os alunos vão se dividir em pequenos grupos, porém nesse momento apenas vão apresentar uma sequência de saltos para no fim da aula conversarmos a respeito.
<b>Recursos didáticos/ espaço físico de realização da aula</b>	Quadra da escola.	Quadra da escola e Slackline.	Quadra da escola.	Quadra da escola.

Em relação ao método de ensino, como já exposto nos utilizamos da pedagogia histórico-crítica em aproximação com a abordagem crítico-superadora da Educação Física. Fizemos uso dos cinco momentos pedagógicos da pedagogia histórico-crítica<sup>3</sup>. Na prática social inicial, tentamos compreender a realidade dos estudantes para que pudéssemos fazer uma intervenção qualitativa que fizesse sentido e significado a apreensão do conteúdo que estava sendo passado, não sendo apenas uma mera memorização para fins avaliativos. Assim, realizamos a prática social inicial por via de perguntas sobre o salto e o equilíbrio, como, por exemplo, qual a relação dos estudantes com esses movimentos? Como esses movimentos se apresentam no cotidiano?

A respeito dessa etapa, consideramos ser interessante ponto de partida, justamente por nos possibilitar compreender qual o significado que os alunos atribuem para as práticas corporais. Assim, quando perguntamos sobre as experiências dos alunos com o salto e o equilíbrio, em geral eles responderam com questões do cotidiano vivido, associando esses fundamentos também com movimentos de outras práticas corporais.

Posteriormente na problematização trouxemos para discussão uma questão para os alunos pensarem sobre e a partir dela trazerem propostas de intervenção que respondam essa indagação. Nesse caso, nossa problemática circundava pela pergunta de como poderíamos praticar esses fundamentos na nossa escola? Portanto, nossas problematizações eram sempre questões que potencializavam a continuidade dos conteúdos, e que apenas poderiam ser respondidas no final de cada aula.

No momento seguinte, iniciamos a Instrumentalização, que se dá a partir do que se pensou em conteúdo em si para os alunos. Nesse momento eles se apropriaram dos elementos históricos, conceituais, técnicos e culturais da ginástica e dos seus fundamentos básicos. Ou seja, foi nessa etapa que os saberes cotidianos deles em relação aos movimentos tratados dialogaram com os conhecimentos sistematizados no campo da ginástica, o que possibilitou que os estudantes passassem paulatinamente a compreender o salto e o equilíbrio a partir de uma outra perspectiva.

O ponto seguinte foi à catarse, momento em que os alunos tiveram que externar o que foi apreendido na instrumentalização, sendo esse também um processo avaliativo, no qual buscamos um panorama geral do que foi exitoso ou não no processo de ensino do conteúdo, para com isso, ajustarmos nossa prática tendo em vista o objetivo de apropriação dos alunos sobre os conhecimentos propostos. Nesse caso, a catarse se deu a partir da construção dos alunos com o auxílio dos professores de uma sequência de movimentos com os fundamentos aprendidos, além de um debate mais amplo e conceitual a respeito deles.

---

<sup>3</sup> Para aprofundar essa discussão ler Gasparin (2012).

Por fim, realizamos a nossa prática social final, etapa na qual buscamos construir uma avaliação recíproca dos momentos de ensino-aprendizagem avaliados tanto pelo professor como pelos alunos. Nesse momento as indagações feitas na problematização foram retornadas, para assim, verificarmos se os alunos possuíam nossas sínteses e elaborações sobre as possibilidades do saltar e do equilibrar.

Sobre o processo avaliativo em si, nos utilizamos da noção da avaliação construtiva e diagnóstica. Pois, entendemos que a apreensão de determinado conteúdo se dá por meio desse processo de ensino-aprendizagem que envolve a organização do trabalho pedagógico do professor, o momento de explanação do conteúdo em si, a apreensão por parte dos alunos, a contrapartida deles no sentido de conseguirem externar o que foi apreendido e as possíveis continuções do tema para além dos momentos formais da aula.

Devemos atentar para o fato de que os momentos pedagógicos da pedagogia histórico-crítica foram por nós adaptados em detrimento da nossa especificidade local de estrutura e de recurso recursos materiais para a realização das aulas. Houveram vários momentos em que não conseguimos realizar os cinco “passos” em uma aula, e por esse motivo resolvemos subdividir os momentos pedagógicos em várias aulas. Dessa forma, tiveram instantes em que a aula aconteceu apenas com a instrumentalização, para que todos os alunos tivessem a oportunidade de vivenciar e apreender o conteúdo.

Como podemos observar no quadro, tivemos grandes limites materiais para a execução da atividade. Outro aspecto tem relação com o próprio tempo, pois, devido à dinâmica do calendário escolar necessitamos fazer uma avaliação dos alunos por meio dessas quatro aulas, o que não é impossível devido à forma como tratamos o processo de ensino-aprendizagem. Porém, só alcançamos resultados ainda melhores com a tematização da ginástica artística na unidade seguinte, devido o maior tempo de contato da turma com o conteúdo tematizado.

Como o objetivo central das aulas era a compreensão dos alunos a respeito dos fundamentos básicos da ginástica, por mais que não tenhamos conseguido trabalhar todos os outros como, por exemplo, o rolar e o trepar, optamos por escolher aqueles que dariam maior base para a futura prática da ginástica artística, assim como para o entendimento da própria ginástica como prática corporal historicamente produzida pela humanidade em suas relações sociais, culturais e estéticas.

Foi nesse sentido que começamos tratando na primeira aula não apenas dos tipos de salto, mas da própria ginástica como prática que engloba diversas dimensões da ação corporal humana. A aula em si apresentou dificuldades no

sentido de ser ou ter sido o primeiro contato sistematizado da maioria dos alunos da turma com o conhecimento que foi abordado. Com isso, a aula teve um sentido de apresentação para os alunos desse campo de conhecimento, o que denota certamente a existencia de uma lacuna nos processos educativos anteriores. Afinal, são várias as obras e dentre elas temos o exemplo do Coletivo de Autores (2012) que indicam que o ensino da ginástica deve fazer parte do programa da Educação Física desde as séries iniciais da educação básica.

A segunda aula ficou marcada pelo fato do primeiro contato por grande parte dos alunos com o slackline. Logo, tivemos certa dificuldade em organizar a turma para as atividades que iriam acontecer, porém, os resultados avançaram em relação à aula anterior. O debate acerca de como o equilíbrio se insere em nosso cotidiano demonstrou de certa forma o entendimento dos alunos acerca do próprio ato de se equilibrar, sendo esse a própria ação de permanecer ou deslocar-se numa superfície limitada vencendo a ação da gravidade (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A terceira aula se mostrou profícua no processo de expressão dos conhecimentos acumulados por parte dos alunos. Desse modo, o momento catártico ocorreu de forma interessante, embora ainda com grande auxílio dos professores para situar e direcionar as possibilidades que poderiam ser realizadas. É válido ressaltar o notório estágio de avanço dos alunos em relação a esse tipo de atividade, pois, no decorrer do ano o mesmo procedimento foi executado. Todavia, com participação cada vez maior e qualitativa por parte dos alunos.

Na aula final, apenas tratamos novamente dos tipos de salto, e ao término tivemos maiores convicções de que poderíamos avançar para a ginástica artística, além de possuímos significativos elementos para a realização de uma avaliação que realmente levasse em conta a finalidade da aprendizagem qualitativa por parte dos alunos.

Após a apresentação acima dos procedimentos que são eminentemente didáticos e metodológicos, e dizem respeito à forma como organizamos o trabalho pedagógico com a ginástica na escola, acreditamos ser importante o dialogo com questões que perpassaram a nossa prática docente nesse período. Um primeiro fato refere-se a latente dificuldade dos estudantes para a compreensão do tipo de trabalho que intencionamos realizar. Tal questão, a nosso ver tem suas raízes no próprio processo assistemático que esses estudantes tiveram com a Educação Física ao longo do período que frequentam a escola.

Assim, o fato citado acima nos mostra que toda a teoria enfrenta barreiras práticas e limites históricos. Afinal, não pode existir uma real educação que não seja uma troca efetiva e constante de elementos culturais entre sujeitos.

Todavia, é preciso que compreendamos quem são os sujeitos que iremos compartilhar o ato educativo, assim como, por quais tipos de processos formativos eles foram formados anteriormente.

Desse ponto de vista, a participação ativa e construtiva dos estudantes nas atividades propostas se deu gradativamente, tendo alcançado seu ápice ao fim desse bimestre e no seguimento dos outros conteúdos. Outra questão que merece nossa atenção tem a ver com a forma como a experiência construída dialogou com a escola e com os demais docentes da instituição. Como nossas aulas ocorriam em uma quadra descoberta ou no pátio da escola, acabava que vários alunos, funcionários e professores observam as atividades. Com isso, a escola tinha um clima diferente no momento da aula de Educação Física com o conteúdo ginástica, pois, os movimentos realizados despertavam a curiosidade dos demais alunos da instituição e dos outros sujeitos da comunidade escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendendo levantar algumas questões referentes a todo o conteúdo escrito acima, iniciaremos esse momento resgatando a problemática central do subprojeto PIBID Educação Física da UFPA: quais possibilidades metodológicas para o ensino do Jogo, ginástica, dança, esporte e luta da cultura corporal/Educação Física para os níveis de ensino fundamental e médio? Para o relato em questão levantamos a seguinte problemática: quais as possibilidades metodológicas para o ensino da ginástica na escola a partir da abordagem crítico-superadora e da pedagogia histórico-crítica?

Nesse sentido, o relato se faz de extrema importância. Primeiro no diz que respeito ao retorno de um programa institucional em forma de conhecimento para a comunidade acadêmica e demais professores de Educação Física, além de apontar uma experiência realmente efetivada e balizada por uma proposta metodológica reconhecida da área, mostrando como pedagogizamos o conhecimento para o tempo e espaço da escola pública. Assim, tivemos a ousada tarefa de materializarmos às teorias levantadas no campo prático e contraditório da escola pública.

Nessa perspectiva, apontamos que o ensino dos fundamentos básicos da ginástica na escola pode se apresentar como um instrumento fundamental para a elevação cultural dos alunos quando articulado com uma sólida teoria pedagógica e com procedimentos metodológicos bem organizados. Pois, se historicamente a ginástica sempre esteve ligada aos preceitos e normas do mundo do capital, a tarefa que nos cabe é justamente pensar e efetuar processos didáticos que no tempo e espaço da escola pública brasileira sejam capazes de problematizar e superar a forma esvaziada que a ginástica tem se apresentado na escola e na

própria sociedade.

Assim, como não podemos dizer que esgotamos as possibilidades do ensino dos próprios fundamentos básicos a partir de nossa proposta metodológica de ensino, certamente não é apenas com esse instrumento que resolveremos todos os problemas da educação brasileira. Todavia, apontamos a veemência da resistência via socialização do arcabouço cultural da humanidade na forma das praticas corporais aos filhos e filhas dos trabalhadores, pois, foi isso que tentamos fazer durante o período que via PIBID atuamos na escola pública. De certo, a construção apresentada teve seus problemas práticos como citamos, mas, o verdadeiro avanço para práticas sociais cada vez mais conscientes no plano da vida cotidiano apenas são possíveis com o real enfrentamento das contradições da própria realidade de modo qualificado teoricamente.

## REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 2012.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. *Portaria Nº 096, de 18 de julho de 2013*: Regulamento do programa institucional de bolsa iniciação a docência. Disponível em: [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria\\_096\\_18jul13\\_AprovaRegulamentoPIBID.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_096_18jul13_AprovaRegulamentoPIBID.pdf)

COSTA, Ramires et al. Ginástica na escola: por onde ela anda professor? *Conexões* Campinas, v. 14, n. 4, p. 76-96, out./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648071>

ESCOBAR, Michele; TAFFAREL, Celi. *Metodologia esportiva e psicomotricidade*. Recife: Gráfica Recife, 1987.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. rev. e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARTINS, Lígia. Da formação humana em Marx. à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, Newton (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política – livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

OLIVERIA, Betty; DUARTE, Newton. *Socialização do saber escolar*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

REIS, Adriano et al. *Pedagogia histórico-crítica e Educação Física*. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12 n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. *Pedagogia histórico-crítica e a luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores associados, 2012.

SCHIAVON, Laurita; PICCOLO, Vilma. A ginástica vai à escola. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 131-150, set./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3572>

SEVERINO, Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Subprojeto PIBID: Cultura corporal como possibilidade metodológica para o ensino da Educação Física nos ensinos fundamental e médio. Projeto Institucional da Universidade Federal do Pará: *Novos saberes e fazeres nas Políticas e Práticas de Formação Docente – construindo diálogos entre o Ensino Superior e a Educação Básica no estado do Pará*, 2014.